



Gente do Morro – A Comunidade em Pauta¹

Rayanne Azevedo CARVALHO²

Maria do Socorro Furtado VELOSO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

Este artigo se dedica à análise da seção Gente do Morro, espaço mantido pelo jornal *Fala Mãe Luiza* - publicação impressa de caráter comunitário sob responsabilidade do Centro Sócio Pastoral Nossa Senhora da Conceição, do bairro de Mãe Luiza (Natal-RN). Criado no início da década de 1990, o jornal contabilizou 177 edições até setembro de 2009, quando suas atividades foram paralisadas. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental objetivou-se identificar de que forma a seção atuou como elemento canalizador das vozes locais. Em Gente do Morro, os moradores de Mãe Luiza são protagonistas das histórias retratadas. Ao compartilharem suas visões acerca dos problemas e virtudes do bairro, fortalecem os vínculos societários e ajudam na construção de um imaginário coletivo sobre o que significa aquela comunidade para seus integrantes.

PALAVRAS-CHAVE: Fala Mãe Luiza; comunicação comunitária; Mãe Luiza; jornal comunitário.

Introdução

Na música “Da lama ao caos”, um dos manifestos do movimento manguebeat, Chico Science cantou: “Posso sair daqui pra me organizar/Posso sair daqui pra desorganizar/.../E com o bucho mais cheio comecei a pensar/Que eu me organizando posso desorganizar/Que eu desorganizando posso me organizar”. Está aí sintetizado o raciocínio de uma parcela oprimida da sociedade - no caso da música, o homem-caranguejo, que trabalha precariamente na lama do mangue -, e que percebe sua capacidade de se mobilizar.

Esta canção é emblemática porque, ao retratar as classes subalternas em situação de franca privação de direitos, propõe a reorganização da ordem vigente por meio da

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo, no XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, a ser realizado de 15 a 17 de junho de 2011 em Maceió (AL).

² Estudante de Comunicação Social (Jornalismo) da UFRN. Integrante do Grupo de Pesquisa Pragma - Pragmática da Comunicação e da Mídia (UFRN/CNPq). Bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “Imprensa e contra-hegemonia no Rio Grande do Norte”, do Departamento de Comunicação da UFRN. E-mail: rayanneac@gmail.com.

³ Professora adjunta do curso de Comunicação Social e do Mestrado em Estudos da Mídia da UFRN. Integrante do Grupo de Pesquisa Pragma – Pragmática da Comunicação e da Mídia (UFRN/CNPq). Coordenadora do projeto de pesquisa “Imprensa e contra-hegemonia no Rio Grande do Norte”, do Departamento de Comunicação da UFRN. E-mail: socorroveloso@uol.com.br.



busca de caminhos alternativos: o homem sabe que sua voz precisa ser ouvida a fim de que suas necessidades mais urgentes não sejam ignoradas. Para as classes socialmente desassistidas, um caminho alternativo que pode ser bem-sucedido é o da chamada comunicação comunitária.

Peruzzo define comunicação comunitária como um “canal de expressão de uma comunidade (independente do seu nível sócio-econômico e território), por meio do qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes” (2008a, p.375). Essas manifestações se justificam enquanto instrumentos de transformação social, capazes de conscientizar, mobilizar e organizar “segmentos excluídos (e seus aliados) da população”, com vistas à superação das desigualdades e promoção da justiça social (PERUZZO, 2003, p.10).

Como observa Kaplún (2007), o emprego da palavra “desenvolvimento” dentro do atual modelo econômico capitalista expressa um paradoxo e denuncia uma distorção de valores. É preciso repensar o paradigma de desenvolvimento a fim de averiguar a quem beneficia e a que preço. A crítica é contra aquilo que o autor entende como um modelo de sociedade no qual “a figura central não é o ‘cidadão’, nem muito menos o ‘ser humano’, e sim ‘o investidor’ e ‘o consumidor’. Em que a idéia de sociedade é substituída pela de mercado ou, o que é igual, em que a sociedade é vista como um mercado onde tudo se compra ou se vende” (KAPLÚN, 2007, p.172).

Todo e qualquer ação que vise ao desenvolvimento só faz sentido se estiver “a serviço de cada pessoa e da coletividade como um todo”, lembra Peruzzo (2007, p.76). E é justamente nesse campo - o da busca de justiça social – que atua a comunicação comunitária.

Direito à comunicação

Para que direitos possam ser reivindicados e mudanças sejam operadas, é preciso mobilização. E para que haja mobilização, é preciso haver consciência. Esta, por sua vez, se manifesta por meio da capacidade de interpretar informações. Mas, para isso, não basta posicionar-se na mera condição de receptor. O exercício pleno da cidadania engloba também o direito à comunicação, como explica Peruzzo (2008a, p.376): “Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor - tão presente quando se fala em grande mídia -, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de produtor e difusor de conteúdos”. A possibilidade de acesso aos meios é, portanto, característica comum às manifestações da comunicação comunitária.



Quando não há espaço na mídia convencional para as vozes dos segmentos socialmente excluídos, ou quando este espaço é insuficiente ou insatisfatório, essas vozes irão manifestar seu descontentamento com o *status quo* através de canais alternativos de comunicação. Alternativos no sentido de que operam à margem da indústria midiática, a revelia das elites no poder, e muitas vezes atuando como contraponto ao discurso dessas elites.

Com base nos estudos de Ramírez (1997), Veloso (2008) lembra que diante da prática excludente no acesso aos canais midiáticos tradicionais, os meios alternativos se propõem a estabelecer o direito à liberdade de expressão para o conjunto da sociedade, democratizando meios escritos e audiovisuais. Ou, como destaca Ramírez: “O alternativo parte da convicção de que a ação comunicativa começa com a *inserção na realidade* [grifo do autor] de seus destinatários, isto é, se situa no mundo daquela parte majoritária da sociedade” (1997, p. 43-44, apud VELOSO, 2008, p.35).

Ramírez enumera um conjunto de características para os meios alternativos, entre elas o fato de serem populares, participativos e plurais, além de contribuir para a melhoria da qualidade de vida, e propor novos temas à agenda pública e política. Em resumo, tratariam-se de veículos que “mantêm um vínculo estreito com a maior parte da sociedade”; permitem uma relação mais horizontal entre emissores e receptores, “dando o poder da palavra a todos os setores sociais, especialmente aos que historicamente foram privados” desse poder; estão abertos a todos os segmentos, sem distinção; “são um lugar de campanhas em favor da saúde, educação, meio ambiente e dos direitos humanos”; e investem na consciência crítica, estimulando a argumentação e o debate (RAMÍREZ, 1997, p. 32, apud VELOSO, 2008, p.33-34).

A importância dos meios comunitários, portanto, está justamente na capacidade que possuem de se constituir em forças contra-hegemônicas no campo comunicacional (PAIVA, 2007, p.137). Essa capacidade se manifesta na abordagem de assuntos pouco ou nunca explorados pela mídia, no ato de dar voz a segmentos oprimidos ou até mesmo de questionar estruturas vigentes que beneficiam poucos em detrimento da maioria.

O conceito de contra-hegemonia toma por base o pensamento gramsciano. Segundo Paiva (2007, p. 139):

A idéia gramsciana de hegemonia permite vislumbrar a coexistência de outras determinações como a cultura, a produção da fantasia, a arte, a religião, a filosofia e a ciência que se articulam junto à política e à economia para a produção de um pensamento determinante e dominante. E, portanto, a questão da comunicação, seus veículos e suas produções.



A comunicação comunitária inverte a lógica de funcionamento da mídia tradicional, nutrida pelo sistema capitalista. Jornais e demais veículos deste segmento não podem funcionar como empresa e não se guiam por leis de mercado. Devem servir prioritariamente à comunidade onde existem. Por comunidade entende-se o espaço social onde há presença de elementos como “o sentimento de pertença, a participação, a conjunção de interesses e a interação” (PERUZZO, 2008a, p. 377).

Perfis de Mãe Luiza

Assim ocorre com Mãe Luiza, bairro da zona leste de Natal (RN) que abriga cerca de 17 mil habitantes - dos quais mais de 70% sobrevivem com renda inferior a três salários mínimos⁴. No bairro circulou por mais de 15 anos o jornal *Fala Mãe Luiza* (FML), lançado por iniciativa do padre Sabino Gentili, pároco italiano que desenvolveu trabalhos sociais na comunidade por meio do Centro Sócio Pastoral Nossa Senhora da Conceição.

A edição mais antiga do FML arquivada pelo Centro Sócio Pastoral data de 18 de setembro de 1993, não tendo sido possível precisar a data de publicação da primeira edição do jornal. Com a morte do padre Sabino, em 2006, o jornal perdeu fôlego e esteve parado durante todo o ano de 2007, retornando em 2008 e 2009, período em que circularam apenas cinco edições. O FML interrompeu suas atividades novamente em setembro de 2009, quando o número de edições publicadas somava 177. Desde então, encontra-se inativo. Notícias esporádicas sobre a comunidade são hoje postadas no endereço eletrônico <http://jornalfalamaeluiza.blogspot.com/>

Embora tenha sido criado em um ambiente mantido pela Igreja Católica, o *Fala Mãe Luiza* manifestou o caráter de jornal comunitário desde as primeiras edições. Fez isso ao se pautar pelo interesses do bairro e ao se engajar em lutas pela melhoria das condições de vida da população local. A Igreja, neste caso, atuou enquanto entidade representativa, mobilizando os moradores em diferentes ocasiões.

Em 1997 foi introduzida no FML a seção Gente do Morro, um espaço onde pessoas da comunidade narravam suas trajetórias de vida e as ligações com o bairro. De início, nos primeiros anos da seção, os perfis eram publicados sob a forma de entrevistas

⁴ Fonte: “Conheça melhor o seu bairro: Mãe Luiza”. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. 2008. Embora o documento se baseie em dados do Censo 2000 do IBGE, as informações se mostram relevantes para análise do contexto em que foram publicadas as primeiras edições do jornal, que esteve especialmente ativo entre os anos de 1996 e 2006. Disponível em [http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/documentos/LESTE/Mae_Luiza\(1\).pdf](http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/documentos/LESTE/Mae_Luiza(1).pdf). Acesso em 31 de março de 2011.



curtas; apenas alguns textos eram narrativos. Depois, os perfis passaram a ser elaborados tanto em formato de narrativa quanto de entrevista.

Considerando que há singularidades na seção Gente do Morro, o presente artigo objetiva compreender de que maneira este espaço do jornal *Fala Mãe Luiza* efetivamente atuou como elemento canalizador das vozes da comunidade. O estudo teve como suporte a pesquisa bibliográfica e documental.

De acordo com a definição de Vilas Boas (2003, p.13-14), perfil é uma narrativa curta em torno de um personagem, podendo focalizar apenas alguns momentos da vida dessa pessoa, e que cumpre um papel específico: o de gerar empatias ao encontrar o “universal” - ou seja, aquilo que é comum a todos em qualquer lugar - nas particularidades do perfilado. Ou, como sintetizou Pereira Lima: “(...) sugere que o indivíduo se estenda, percebendo desdobramentos de aspectos do seu universo particular transmutados no universo coletivo. É também uma proposta de autodescoberta do Eu naquilo que tem de porção coletiva do Nós” (LIMA, 1993, p.110 apud VILAS BOAS, 2002, p. 47).

Perfis, contudo, não se limitam a pessoas: “instituições e comunidades também têm (e podem merecer um) perfil jornalístico” (VILAS BOAS, 2003, p.16). A forma também varia: “A estruturação da matéria pode se dar na forma clássica da entrevista, do depoimento direto ou de uma mescla em que se combinam a narrativa em primeira e em terceira pessoa” (LIMA, 1993, apud VILAS BOAS, 2003, p.17).

No caso da seção Gente do Morro, a variedade de perfis publicados de 1997 a 2009⁵ permite traçar também um perfil de Mãe Luiza a partir da visão de seus moradores: um bairro descrito pelos entrevistados como um lugar agradável de viver, apesar dos problemas. As principais críticas estão relacionadas à falta de infraestrutura e à ausência de iniciativas do poder público.

Um dos personagens perfilados na seção Gente do Morro foi o pedreiro, pintor e cabo da polícia aposentado Expedito Joaquim do Nascimento. Ele foi o entrevistado da edição nº32, de 8 de abril de 1997. Para o jornal *Fala Mãe Luiza*, Expedito é um membro importante da comunidade. Seu modo de perceber o bairro e suas preocupações encontram relevância nas páginas do veículo:

FML: Quais as mudanças que acompanhou em Mãe Luiza de 1953 até hoje?

⁵ Ainda que a seção aparecesse com certa irregularidade, observou-se entre os exemplares examinados uma ocorrência média a cada duas ou três edições - em alguns casos, o intervalo de tempo foi maior.



Expedito: Mudou muita coisa. Antes não tinha água encanada, nem luz e eu só conhecia dois moradores: João Balbino e José, conhecido como Calango. De lá para cá as coisas evoluíram. Hoje temos água, luz, calçamento, posto de saúde, escolas, transporte coletivo, igrejas, etc...

FML: Na sua opinião quais as mudanças que prejudicaram a vida do cidadão?

Expedito: O aumento da população, pessoas que vêm de fora para morar aqui. É por isso que ultimamente tem acontecido muitos casos de violência na comunidade.

Ao longo da entrevista, Expedito critica a especulação imobiliária nos arredores de Mãe Luiza, onde se instalaram diversos hotéis e motéis: “Isso melhorou só para os turistas, porque nós da comunidade não temos acesso nenhum”.

Outro aspecto importante da seção é a contribuição para a memória histórica do bairro através de depoimentos que remetem aos primeiros moradores de Mãe Luiza e às lutas por melhores condições de moradia. É o que se pode notar na entrevista concedida pela moradora Jovelina Severiano da Silva à edição nº 172, de 11 de agosto de 2008:

Eu vim da minha terra (Picuí/PB) pra cá em 1942, só tinha mato e dois barracos de palha. Na época não tinha posto de saúde, escola, energia elétrica e nem água encanada. As casas eram muitos distantes, era só a mata virgem. [...]

Luiza era a moradora mais velha, ela criava cabra e morava perto da Cacimba do Pinto, fazia os partos das mulheres da época. Era uma pessoa muito boa, por isso aqui se chama Mãe Luiza. [...]

Depois de muito tempo, quando já havia chegado muita gente por aqui, colocaram uma caixa d'água e mais tarde a luz elétrica. Então, começou a melhorar por que foram botando escola, igreja e o posto. Não tem um pé de castanholas perto do posto da Guanabara? Fui eu que plantei.

O crescimento desordenado do bairro e o constante assédio da indústria imobiliária⁶ também são assuntos recorrentes entre os moradores de Mãe Luiza na seção Gente do Morro. Observe-se na entrevista concedida à edição nº 60, de 27 de junho de 1998, pela moradora Josélia Silva dos Santos:

FML: Como analisa a discussão sobre as mudanças no Plano Diretor de Natal?

JS: A gente observa que ao longo dos tempos, sempre foi o rico que determinou onde o pobre tem que morar, o tipo de habitação que ele deve ter e tudo o mais. Ele age de maneira sutil, por isso muitas vezes isso passa despercebido. Parece que Mãe Luiza não é diferente. O rico quer morar aqui e para isso seus moradores devem ser enxotados. Mas Mãe Luiza não se acomoda e vai em

⁶Transformada em Área Especial de Interesse Social (AEIS) em 1995, e protegida da especulação imobiliária pelo Plano Diretor de Natal, Mãe Luiza nos últimos anos se viu alvo constante de investidas por parte de grupos que desejam se apropriar da área para erguer condomínios e hotéis de luxo. Sua localização privilegiada (entre o mar e o Parque das Dunas - uma das poucas áreas restantes de preservação da Mata Atlântica no Brasil) atrai o setor de construção civil, que vem pressionando as gestões municipais ano após ano por uma mudança na lei que permita a presença, na área, de investimentos privados. Enquanto isso não ocorre, o bairro vai perdendo a vista privilegiada do mar para os espiões construídos na praia de Areia Preta.



busca dos seus direitos e isto parece ser um desacato para o rico que tenta reivindicar. Muitas vezes as mudanças acontecem em nome do progresso, mas a própria história mostra que este sempre favoreceu uma parcela da sociedade, onde o pobre não está incluído. Não podemos nos deixar enganar. Mãe Luiza, o lugar que moramos é sagrado. E o sagrado é intransferível e insubstituível.

Ao contrário dos veículos de comunicação comerciais, onde critérios de audiência geridos por fatores econômicos muitas vezes determinam a produção de informação, os meios comunitários, por não visarem o lucro, privilegiam assuntos de interesse dos moradores de determinado bairro ou localidade, e que tenham alguma relação com a promoção e ampliação do exercício da cidadania. Por esse motivo, os perfilados na seção Gente do Morro são aqueles que compõem a própria comunidade: trabalhadores assalariados anônimos, que enfrentam batalhas cotidianas para garantir uma sobrevivência digna. São serventes de pedreiros, diaristas, líderes comunitários, educadores, trabalhadores informais, que tem seu valor na construção da comunidade reconhecido nas páginas do jornal local.

Juntas, suas vozes atuam no sentido de formar o que Paiva (2007, p. 140-145) chama de “estrutura polifônica”, e que ocorre quando o jornal dá voz a diversos segmentos e seus representantes. Com isso, obtem uma estrutura mais integrada entre consumidores e produtores de mensagens (ao aproximar o fazer comunicativo da realidade das pessoas inseridas na comunidade, ou ao dinamizar as relações entre emissores e receptores), e educa, pois contribui para a promoção da cidadania e estimula uma visão crítica de mundo. Ao ler as histórias de vida dos moradores de Mãe Luiza, “sentimos os fracassos e triunfos do 'herói' narrado, e o quanto poderia haver de nós mesmos em situações idênticas” (VILAS BOAS, 2002, p. 37).

Na edição nº 174, de outubro de 2008, a seção Gente do Morro trouxe duas entrevistadas, ambas professoras em Mãe Luiza: Maria Olívia Santos Gomes e Francinete Lima do Nascimento. Uma tem formação universitária e a outra, informal. Elas falam sobre o processo de consolidação da educação no bairro:

FML: Qual é o seu grau de instrução?

Maria Olívia: Estudei a cartilha do ABC e aprendi a ler vendo os folhetos da época.

Francinete: 3º grau completo, com formação em pedagogia.

FML: O que a levou a ensinar na comunidade?

Maria Olívia: Duas mulheres me pediram para ficar com as filhas enquanto iam trabalhar e queriam que as meninas aprendessem a cartilha do ABC. Comecei a ensiná-las e daí em diante o povo comentava que, comigo, os meninos aprendiam logo a cartilha e começavam a ler.


Francinete: Comecei a estudar em 1971 quando estava na oitava série. Havia muita carência de professor no bairro, pois era de difícil acesso e nem sempre tinha transporte para trazê-los. Trabalhei no Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e depois na Educação Integrada.

Fala Mãe Luiza - n.º 90 - 18 de novembro 1999 Página 03

G
e
n
t
e

d
o

M
o
r
r
o



Ubiratan Lourenço de Mendonça, 36 anos, natural de Canguaretama-RN, é casado com Divalda Silva de Mendonça e tem três filhos. **Bira** como é mais conhecido, veio pra Mãe Luiza com 9 anos de idade, acompanhado da mãe e dois irmãos, mas sente como se tivesse passado a infância aqui no bairro que, segundo ele, é o melhor lugar do mundo. Ele trabalha como comerciante autônomo, é vigia e estuda à noite. Com tanta ocupação ainda sobra tempo pra ajudar nas tarefas de casa, conforme explica. "Queria ter mais uma ocupação, quanto mais melhor, pelo menos melhorava um pouco e eu não fico em casa lavando louça. Se Deus quiser vou arranjar, estou estudando pra isso".

FML.: Há 28 anos aqui, quais os avanços que você acompanhou ?

BIRA: Primeiro, acho que morar aqui é privilégio, com a paisagem, as dunas, o mar. De uns tempos pra cá algumas ações têm melhorado, como os cursos profissionalizantes, se bem que ainda é pouco, acho que deveria favorecer mais pessoas e ser mais divulgado.

FML.: Quais os problemas enfrentados pela comunidade e como resolvê-los ?

BIRA: Duas coisas: a discriminação que ainda sofremos por sermos de Mãe Luiza e a violência. Por exemplo: quando o policiamento vem pra cá, eles (os policiais) vêm cheios de temor e trazem mais violência. Quanto a isso, acho que o Comando deveria treinar os policiais com curso de Relações Humanas. A violência dos moradores de Mãe Luiza é incentivada pelos Clubes, é lá que se iniciam as brigas e se consomem as drogas, inclusive o álcool, que é uma droga muito perigosa.

FML.: E a qualidade de vida ?

BIRA: O salário do trabalhador nunca esteve tão baixo. Em compensação, a cesta básica e os alimentos em geral, subiram nos últimos meses mais ou menos 200 %, não é ? Como pai de família, sei o que é isso. Aumento de salário pra quem está no poder, e pra nós nada ! Esse governo FHC é o pior que já tivemos no Brasil. Collor foi ruim, mas tirou de quem tinha. Esse Fernando Henrique, além de tirar de quem não tem pra quem já tem demais, comprou tudo que é político, soube fazer bonitinho ... Já o governo estadual, não é tão ruim, mas não tem honrado os compromissos com o funcionalismo público.

FML.: Qual sua avaliação da consciência política em Mãe Luiza ?

BIRA: Acho que estamos nos conscientizando, não é por dinheiro que os políticos vão nos tapear. Acho que a maioria está caindo na real, e não vai vender o voto por dez reais, nem por uma camiseta, nem por favores. Já está em tempo de Mãe Luiza ter um vereador daqui mesmo e não lá de fora, pra ver se muda pra melhor.

FML.: Como vê a atuação das organizações comunitárias e lideranças políticas da comunidade ?

BIRA: Acho péssima, sem exceção, pois acho que líder comunitário, seja ele quem for, não deve se envolver com político nenhum.

FML.: O que mais gosta em Mãe Luiza ?

BIRA: De tudo. Aqui é o melhor lugar do mundo. Minha infância foi aqui, casei aqui, criei meus filhos aqui. Mãe Luiza é tudo pra mim.

FML.: O que pensa do futuro ?

BIRA: Bom, Mãe Luiza, eu acho que vai crescer pra cima, quer dizer, pouco a pouco as casas vão sendo reformadas pra 1º e 2º andar. A tendência é os moradores venderem suas casas pra gente de fora e aí o bairro vai se modificando...

Eu ? Quero concluir meus estudos e arranjar um emprego melhor, e continuar nessa vida boa e decente com minha família em paz, mulher, filhos, netos, bisnetos...

No entanto, algumas pessoas que passaram pela seção Gente do Morro tinham pouco ou quase nenhum envolvimento com as atividades da comunidade e ainda assim foram convidadas a participar da seção. Foi o caso de Ubiratan Lourenço de Mendonça, comerciante autônomo, vigilante e estudante. Entrevistado na edição nº 90, de 18 de novembro de 1999, o morador denuncia a discriminação que ele e outros sofrem quando



dizem residir em Mãe Luiza, e critica a violência crescente: “Quando o policiamento vem para cá, eles [os policiais] vem cheios de temor e trazem mais violência. [...] A violência dos moradores de Mãe Luiza é incentivada pelos clubes, é lá que se iniciam as brigas e se consomem as drogas, inclusive o álcool [...]”.

Ubiratan segue expondo seus pontos de vista:

O salário do trabalhador nunca esteve tão baixo. Em compensação, a cesta básica e os alimentos em geral subiram nos últimos meses mais ou menos 200%, não é? Como pai de família, sei o que é isso. Aumento de salário para quem está no poder, e pra nós nada! Esse governo FHC é o pior que já tivemos no Brasil. [...]

FML: Qual sua avaliação da consciência política em Mãe Luiza?

Acho que estamos nos conscientizando, não é por dinheiro que os políticos vão nos tapear. Acho que a maioria está caindo na real, e não vai vender o voto por dez reais, nem por uma camiseta, nem por favores. [...]

Figuras de destaque de Mãe Luiza também passaram pela seção, como o gari Claudio Germano de Souza Filho, atleta que conquistou o 2º lugar na Corrida de São Silvestre, em São Paulo, na categoria portadores de deficiência física. Na edição nº 165, de 31 de janeiro de 2006, ele conta: “Pra viagem tive patrocínio, mas pra treinar é um problema, sinto fraqueza pois não tenho uma alimentação apropriada. Meu salário é pra sustentar a família”.

Considerações finais

Durante o período em que funcionou no jornal *Fala Mãe Luiza*, o que a seção Gente do Morro fez, na prática, foi propiciar um redirecionamento do olhar sobre o bairro. Enquanto a grande imprensa observa a comunidade de fora para dentro, no *Fala Mãe Luiza* ocorre o inverso: o olhar é de dentro para fora. Em Gente do Morro, os moradores da comunidade compartilham suas visões sobre o bairro e a partir daí tecem comentários sobre o que consideram bom e o que precisa melhorar. Eles se tornam protagonistas das histórias retratadas. Tal fator contribui para o fortalecimento dos vínculos societários, aumenta a autoestima daqueles que residem no local e atua na construção de um imaginário coletivo sobre o que é aquela comunidade e o que significa para seus integrantes.

Gente do Morro se constituiu em um espaço onde homens e mulheres, jovens e idosos puderam expressar seus pontos de vista, tecer críticas, apresentar sugestões e



propor reflexões relacionadas a Mãe Luiza. A diversidade de personagens que povoaram a seção evidencia a pluralidade como uma das marcas da comunidade e ao mesmo tempo demonstra os objetivos comuns que unem os moradores: a luta constante por melhores condições de vida e pelo direito ao exercício diário, amplo e irrestrito da cidadania.

A seção foi, também, um espaço destinado a gerar empatia através das trajetórias narradas, fortalecendo por meio deste recurso os vínculos comunitários e a identidade coletiva, enquanto contribuiu para o resgate de valores e costumes. Graças ao espaço mantido pelo jornal, histórias pessoais misturadas à história do bairro puderam ser preservadas, constituindo um registro vivo de Mãe Luiza.

REFERÊNCIAS

“Conheça melhor o seu bairro: Mãe Luiza”. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. 2008. Disponível em <[http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/documentos/LESTE/Mae_Luiza\(1\).pdf](http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/documentos/LESTE/Mae_Luiza(1).pdf)>. Acesso em 31 de março de 2011.

FALA MÃE LUIZA. Edições nº 32 (08/04/1997); nº 60 (27/06/1998); nº 90 (18/01/1999); nº 165 (31/01/2006); nº 172 (11/08/1998); e nº 174 (outubro de 2008).

KAPLÚN, Gabriel. “Entre mitos e desejos: desconstruir e reconstruir o desenvolvimento, a sociedade civil e a comunicação comunitária” In: PAIVA, Raquel (org). *O retorno da comunidade - os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 167-194.

PAIVA, Raquel. “Para reinterpretar a comunicação comunitária”. In: PAIVA, Raquel (org). *O retorno da comunidade - os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 133-148.

PERUZZO, Cicilia. “Radio comunitária, educomunicação e desenvolvimento”. In: PAIVA, Raquel (org). *O retorno da comunidade - os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 69-94.

_____. “Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil”. Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional. São Bernardo do Campo: Umesp, 2003. n.6, p.51-78. Disponível em: http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/midia_local_e_interfaces.pdf. Acesso em 31 mar 2011.

_____. “Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revistados. Reelaboraões no setor”. 2008a. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf>. Acesso em 31 mar 2011.



_____. “Aproximações entre comunicação popular e comunitária revistas e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço”. 2008b. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2882032>. Acesso em 31 mar 2011.

VELOSO, Maria do Socorro F. “Imprensa, poder e contra-hegemonia na Amazônia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)”. Tese (doutorado). Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo. 2008.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.

_____. *Perfis: e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.